

Gaiacito



Visado pela Comissão de Censura **OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES** ANO VIII N.º - 205 Preço 1\$00

MEDITEMOS

Não repugna acreditar que atinja um milhão de contos os depósitos à ordem no Banco Espírito Santo, pelo que os seus funcionários estão aptos e afeitos a receber e a dar imensas quantias de dinheiro; e fazem-no diariamente. É uma obrigação sem emoção. A uns clientes seguem-se outros e assim pelo tempo fóra. Porém, chega a primeira semana do mês de Dezembro. Entra-se na segunda e com ela também entra o alvoroço nas almas. Os caixas estão alerta e reparam vezes a miude a ver se descobrem o homem misterioso, entre a multidão dos clientes. Por sua vez, os colegas do primeiro e até do segundo andar, querem saber e perguntam o que há de novo. Entrementes e na forma do costume, os fregueses do Banco vão entregando e recebendo consoante os seus documentos. É dinheiro. É mesmo muito dinheiro. Mas não é isso que importa; o que se pretende é saber e dar a notícia do homem misterioso.

Aí vem ele. O Caixa acaba de o descortinar; de se comover. Chegada a sua vez o homem do mistério apresenta-se. Pede por favor que lhe preencham o talão; ele não sabe escrever... Passa para as mãos do empregado um masso de notas. Este confere e diz que está certo; e mete no cofre, ao pé dos outros, mais 50 contos, moralmente distintos e inconfundíveis. O homem misterioso toma o papel, retira-se e vai agora começar a festa.

Os trabalhos daquela hora não se suspendem. Não se considera feriado. Tudo segue, mas é o alvoroço. A revolução. Aquele dinheiro é diferente do outro. Enche as almas. O Caixa já passou a notícia num relampejar de olhos. Nos andares de cima sabe-se tudo. O gabinete da Gerência foi o primeiro. É a labareda. Aquele dinheiro é diferente! O sigilo bancário cai por terra. O telefone é posto em movimento. Eu estava na cama, doente, quando o Avelino entra e se coloca aos meus pés com tal riso que o impedia de dizer. Por fim, desata a palavra: *é uma grande notícia*. Outros telefones amigos, já conhecedores do caso, comunicam. O incendio começa na aldeia. Aquele dinheiro é outro. Meditemos!

O mandante, que pode muito bem ser uma senhora e nós tomá-lo por um senhor; o mandante, digo, bem pudera, se quizesse, juntar ao muito que tem mais os 400 contos que já nos deu. Bem pudera. Nisto não faria mais do

que seguir o exemplo das maiorias. Podia, até, chegar à perfeição e assim, em vez de usar os serviços do Banco, acumulava em casa, aonde teria o gosto de ver e apalpar o seu tesouro, quando bem lhe apetecesse; e nisto seguiria as pisadas de um considerável número deles. São os prisioneiros em liberdade vigiada. Cisternas de água apodrecida. Não se comunicam. Aonde o seu tesouro, aí o seu coração; e porque aquele é falso, também o são os seus sentimentos. Assim caminham, algemados, até ao fim da vida mortal. E quando chega a eterna, eles vêm na luz da glória a felicidade dos lázaros e começam a sentir remorsos e de pedir ao pai comum que os deixem atravessar. Mas não podem... Não se sentarão à mesa!... Vivem eternamente dos frutos do seu tesouro. Meditemos.

Por último façamos todos aqui um acto de fé na grandeza do homem, obra prima das mãos do seu Criador. Vejamos o nosso parentesco, a nossa linhagem, a realeza do nosso sangue. Nós não somos a necropole; aspiramos a coisas mais subidas. Os funcionários do Banco Espírito Santo, quebrando o sigilo bancário, afirmam isto que eu digo. Meditemos.

E já agora, não deixemos de considerar o valor e o benefício das riquezas da terra; quer elas sejam matéria prima ou bens particulares. Que grande é o seu poder, quando bem repartidas! Terminemos com uma fervorosa saudação ao nosso Desconhecido, segundo nós, que não de Deus.

Um recorte

Conta, quase a finalizar, um caso impressionante.

Um padre da rua foi substituir um operário espanhol, doente, com mulher e quatro filhos. Dava-lhe o pão com o suor do seu rosto. Um incidente matou-o quando trabalhava. A emoção nas classes operárias foi enorme. Fizeram solenes exéquias ao sacerdote-morto. O acompanhamento, multidão imensa, compunha-se quase só de trabalhadores.

— Foi em Bordeus, onde oitenta por cento dos operários são comunistas!

Isto vinha no jornal do dia e foi dito pelo professor Daniel Rop numa conferência O mundo sem almas que ele proferiu no Porto. Estou admirado e não sabia que também em França existe o padre da rua. Ninguém tenha medo.

Não tenhamos medo do chamado terrorismo comunista. Isso não existe. É muito mais sério e muito mais grave no tempo de hoje a ausência do padre obreiro.

CARTAS

Ando farto de receber delas, de vários pontos e de várias pessoas, aonde se fala da sorte do Património dos Pobres. Uns dizem que será o Estado, outros que será a Igreja e todos que o esbulho e venda em hasta publica virá a ser a sepultura de uma obra que tem ares de imortal. As cartas são um apelo ao vento favorável e que eu o aproveite para nesta aragem de protecção, segurar por meio de um estatuto oficial. Ora a verdade é que eu pensei e tornei a pensar, antes de produzir o Regulamento que já foi publicado neste jornal. Por muito tempo duvidei se ás juntas de freguesia, se ás câmaras, se á nossa própria obra ou se á Igreja. Fui buscar a história. Desenterrei homens e tempos. Volvi os olhos por tratados e decretos. Quanto mais estudava mais crescia a dúvida no meu espírito, e escolhi a Igreja. Ela aí está. Outras instituições aparecem e vão-se embora. Ela fica. Entreguei-lhe o Património dos Pobres.

Mas como a Igreja, sendo uma instituição divina, tem homens a governá-la, eu acautelei-me. Acautelei-me e mando fazer casas muito pequeninas, aonde só caiba o Pobre mais os seus haveres. Acautelei-me e peço somente para cada casa dois palmos de quintal, aonde o Pobre plante somente as couves

do seu caldo. Isto, na minha opinião, é a única defesa contra a cobiça dos homens, quer sejam da Igreja quer do Estado. Acho que assim está bem feito e garante-se ao Indigente, pelos anos fora, o uso pacífico da sua vivenda. Ela é muito pequenina. Ela é sem terrenos. Ela é uma pobreza limpa e nua. Está garantida. Não lhe pega a traça...

De resto, nunca houve nada seguro no mundo e aqui nasce o natural receio que os homens experimentam, de que esta formosa ioia se venha um dia a perder. Nada é seguro. Muito se haviam de admirar, se cá tornassem, os que morreram há séculos, deixando testamentos para o bem das suas almas enquanto o mundo fôr mundo. Muito haviam de se admirar. E até os mortos de menor data, sentiriam o mesmo espanto ao verem o destino das suas fortunas!... Em tudo isto eu pensei. Não há nada seguro no mundo. E hoje então é que é! Os grandes têm ensinado e continuam a ensinar aos pequenos, grandes lições. E' o dito pelo não dito que anda em voga. Os homens e os tempos mostram-se tais, que todos apertam as mãos na cabeça e perguntam uns aos outros para onde caminhamos. Eu pensei em tudo isto e acautelei-me. A Pobreza é a alma do mundo. A Pobreza é o baluarte; e eu a ela me encostei. Acautelei-me.

AGORA

Vai aqui Lisboa com 100\$. Alcaravela leva uma telha de 20\$. Lisboa torna com 50\$. Leça 200\$. A Feira segue com uma telha de 20\$. Mais telhas no valor de 50\$. Mais telhas de cinco netinhos no valor de 20\$. Com certeza eles vão quebrá-las! Segue uma dobradiça de Vilar de Andorinho. Ponta Delgada vai na procissão com 100\$. Façam alas e deixem passar este grupo de operários:

«Um grupo de operários de ambos os sexos da secção mecânica de «Cigarros Fortes» da Fábrica de Tabacos a «Portuense», fundou em Outubro passado, um mealheiro com a designação:

Amigos do Padre Américo

Desde aquela data colheu, o dito mealheiro, a modesta quantia de 120\$ que lhe é enviada e que prosseguirá novamente para futuro a colheita em todos os fins de semana.

Peço ao bom Padre, que designe esta quantia no próximo rúmero do «Famoso», não por vaidade, mas a ver se as outras secções da fábrica, vestem também a ópa e entram na procissão com

mais vigor, para nos fazer «aferroar», que era esse o nosso maior desejo».

Torno a dizer aqui: ai dos pobres se não fossem os pobres! Segue Aveiro com 100\$. Chegou uma caixa limpa, nova e sobre o comprido; era uma caixa de letria, segundo o Botas, que foi quem a recebeu e colocou na dispensa. Esteve ali três dias, mas o Pombinha dá em mirar e remirar. A caixa é muito linda. O Natal está à porta. Quem sabe se não são brinquedos? Pombinha levanta a questão, os colegas fazem poeira e a caixa foi aberta. Era o bragal de uma casa do Património. Não se descreve o arranjo, a qualidade, a devoção. Lençóis, toalhas, guardanapos e panos de cozinha. De tudo isto uma dúzia Fitas azuis e côr de rosa fazem os massos. Mas não é tudo; há um terno especial de peças de formosíssimo linho, adornado com renda de crivo. Também este pacote traz uma fi'a de seda E o letreiro é um tratado de amor de Deus e do próximo: *para quando*

PATRIMÓNIO

DOS POBRES

Depois da que nós entregamos no passado dia 8 de Novembro, como aqui se disse, mais três casinhas foram entregues no dia 25 de Dezembro; duas no lugar de Vales e uma no de Cadeade, todas na freguesia de Paço de Sousa. Brevemente, como a seu tempo se dirá, vai-se distribuir um grupo de seis delas no lugar do Outeiro da próxima freguesia de Galegos. E para dizer tudo, o mestre de obras acaba de mandar abrir os cabucos de mais uma no lugar de Ribas, da freguesia de Lagares, com terreno para um quintal grande. Nós insistimos na horta. Com os primeiros não foi assim; eu tinha medo de ir longe, mas agora não. O próprio que oferece a nesga, ao ver a beleza das casas, compreende a necessidade da horta.

Este movimento rural de casas para pobres, já chegou à Assembleia Nacional, segundo vejo no Diário das Sessões que alguém quiz enviar-me. Ele é verdade que foi derivado a um equívoco, mas, se por bem ou se por mal; se oportuno ou importuno; se Pedro ou Apolo, o que importa é que Cristo seja pregado. E o património dos pobres é uma pregação viva do Evangelho. As casas dos pobres já entraram no Parlamento! A sem cerimónia com que nós as fazemos e distribuimos, que até parece um caso vulgar; esta sem cerimónia, digo, não impede que elas ocupem e sejam faladas no lugar onde se debatem os mais graves problemas da Nação. Podia pôr aqui um ponto de admiração, pelo caminho que as coisas tomam, mas não. Não é lugar para isso. Sê-lo-ia se assim não fosse. Porquê? Porque os homens da Assembleia têm necessariamente de ser bem formados e entre as muitas questões que ali se tratam, a vida do Pobre não é a mais pequena. Até à data não temos queixa das câmaras, a não ser um episódio com a de Loures por amor da qual falou um Deputado. Mas esse foi de pouca dura. Nós não temos queixa. Porém, na qualidade de Procurador Geral dos Pobres, eu muito desejaria que as câmaras de todo o país prestassem facilidades a todo o homem pobre que se aventura a construir pelo seus meios ou com esmolas, a sua própria casinha. Do fundo do Património dos Pobres, estou eu actualmente e com licença presumida de quem me ajuda, dando a mão a um e a outro que estão lutando heróicamente no trabalho de verem a sua casa erguida. Eu admiro estes homens e estas mulheres. Eles são a raça.

Quando se vai por esses continentes fora e se ouve falar ou se toma conhecimento com um português de iniciativa espantosa, fique-se sabendo que ele foi nascido nestas terras e é do mesmo sangue desses que hoje, contra tudo e contra todos, colocam a trave mestra na sua habitação. Eu ajudo-os. Mas não devia ser eu. Perfeitamente de acordo. A câmara tem de orientar. Tem de ser a senhora do giz. Mas isto entenda-se no sentido de auxiliar. Uma

licença muito baixa, segundo a câmara, é coisa alta para o contribuinte pobre, aonde o tostão conta. *Olhe que venho de empregar três tostões em café*; disse-me há dias um destes heróis que tinha ido à loja comprar café.

Empregar três tostões. O tostão conta. Pobres e sacrificados como são na sua vida, estes homens que hoje se lançam na construção de sua própria vivenda, são constructores. Edificam. Bem merecem o auxílio das Autoridades.



Isto é a fingir. Isto são coisas do fotógrafo que manda estar muito quietinhos enquanto opera. Mas o natural não é nada assim... Porquê? Por ser uma obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes. Eis.

AGORA

(CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

o Senhor vier a casa.

Segue um assinante do Porto com 250\$. Ao pé vai Mirandela com 50 deles. Mais 20\$ do Emílio da Ponte do Sor. Mais outro vidro da *Minucha, Gracita e Zézito*. Eu acho que nestes casos, em vez de vidros, seria melhor fechaduras, ou pedras, ou barrotes, ou pregos... Vidros não. Não chega nada inteiro. Vai aqui uma Mulher do Porto que tirou 100\$ ao seu trabalho, fez o mesmo ao seu marido e ainda foi ao abono de família de sua mãe; e agora juntam-se na procissão. Nunca no mundo se viu tal! Atrás deste grupo segue um Americano com 15 dólares. Também levamos libras. Vai aqui uma. Esta moeda vai de mãos erguidas a dizer ao mundo que vive há uma dúzia de anos na companhia dos sogros; e ela queria ter e viver numa casinha sua...! Mais 50\$ de Santarém *para uma telha*. Mais um quilo de pregos. Valença do Minho vai com 800\$; *E' Por Alma da Minha Mãe*. As maiúsculas são do filho. Quanto amor!

Mais aquela do Estoril que se propoz conseguir uma casa e vai aqui hoje com mais um cheque de 2.506\$00.

Faltam 985 d'eles

Do que nós necessitamos

Um senhor do Porto Antigo, que se chama *modesto assinante*, envia 300\$. Mais 50 para o Barredo, de Algés. Uma Alentejana que vive no Porto manda 300\$ para os pobres do Barredo. Mais 50 da Feira. Mais 200\$ depositados no Banco Espírito Santo. Mais 2.000\$ deles depositados no Banco Espírito Santo. Mais 100\$. Mais 266\$50 *recebidos de uma instituição mutualista do Porto*. Mais 50\$ para os pobres do Barredo. Mais Matozinhos 50\$ para os pobres do Barredo. Mais 100\$ do Rio de Janeiro. Mais 150\$ e roupas de Peniche. Mais 20\$ de Lisboa para os pobres do Barredo. Mais 500\$ da Beira. Mais 30\$ de Alcobaca.

da mesma doença e sem meios! Mais de um assinante do Porto 1.250\$. Mais um cheque 250\$ do Porto. Mais 50\$ idem. Mais 5 dólares da América. Mais 1.000\$ *como lenitivo à grande saúdade da minha muito querida mãe*. Se em vida o fazem, quanto mais, na morte, não prendem as mães os seus filhos! E' isto o que este bom filho está aqui a dizer ao mundo. O doutor *Zéquinhas* anda outra vez por cá; são os 50\$ do costume. Mais uma esmola de 500\$ de Recarei. Coisa rara! De vizinhos é até a primeira. Mais outro tanto de S. Pedro do Sul. Mais 200\$ de *Quelimane uma pecadora que já nem sabe rezar*. Pelo que se vê, já soube. As orações e as obras, se por vezes mortificadas, não morrem; isto deve-se à natureza de Deus. Mais de Reguengo Grande 50\$. Mais da Figueira da Foz um fardo de bacalhau e óleo dos figados do mesmo. O senhor que oferece a tal ponto se interessa, que nos deu uma informação valiosa: *O óleo tem 26 000 unidades de vitamina*. Todas elas são precisas. A todos agradecemos. Mais de Setubal M. S. G. 40\$. Mais duas peças de tecidos do Porto. A doutrina do repúdio de heranças, tem dado muito que falar e muito que meditar. Muita gente não aprova. Está o mundo vazio de almas, mas a palavra de Deus permanece. Proquê saibas que hoje mesmo me deu uma pancadaria de contos, quem tinha feito e rasgou o seu testamento! Mais 100\$ de Matozinhos. Mais 1.000\$ de Lisboa. Mais 100\$ de Castanheira de Pera. Mais 100\$ da Figueira da Foz. Mais 30\$ de Lagos. Mais o Porto 100\$. Mais camisolas de malha de Castanheira de Pera. Mais para os pobres do Barredo 25\$. Mais de Ilhavo 200\$. Mais nós que estava mos a cortar o pão para as rabanadas do Natal e encahlamos no açúcar. Compra não compra, pede não pede e eis que chega o Avelino e outro e outro com encomendas postais, sendo uma delas de dez quilos de açúcar do Lobito! E comemos rabanadas. Mais 200\$ do Seixal. Mais 200\$ do Porto. Mais 50\$ do Porto. Mais uma tarifa de fazendas de Braga. Mais tonelada e meia de milho da Federação. Que precisa oferta! Nada que valha tanto como o pão! Com que alegria e esperança não vejo eu os nossos a trabalhar na conquista de mais terreno dentro dos muros da nossa quinta! Mais terreno significa mais pão. Eu queria que cada mortal tivesse uma casinha sua e à roda dela um quintal e nele os seus mimos e a vida seria doce para todos. Ontem veio aqui ao meu quarto, ao pé da cama aonde me encontro, um habitante das casas do Património. Trazia uma cestinha de maçãs e chorava de alegria; que já tinha na sua horta favas e couves e que para o tempo ia semear batatas. Que alegria! Ainda que a minha doença seja de morte que importa? Fica a vida nas lágrimas destes e dos outros habitantes do Património. Mais de Lisboa 300\$. Mais 1.000\$ do sócio de uma casa do Porto. Mais 500 de Lisboa de E. A., oficial da Armada. Andamos nas armas, nas azas e nos canhões! Mais 40\$ da Beira Alta. Mais 200\$ do Porto.

(Continua na terceira página)

De como nós fomos AOS AÇORES

O bafo amigo de Ponta Delgada faz-se sentir aqui; o Presidente da Câmara veio ao nosso encontro! O hotel estava à nossa espera! Este tem o mesmo nome do das Furnas.

Terra Nostra. Hotel Terra Nostra. Tem o mesmo nome e serve o mesmo fim; a conveniência de turistas e viajantes. A sua estrutura é muito ligeira mas o interior é admiravelmente confortável. Não se espera. Ao vê-lo por fora não há ninguém que suponha o que está lá dentro. Instalamos-nos nos aposentos n.º 4. Doutra género, sim, mas tudo quanto se encontra nos grandes hotéis de grandes metrópoles, também aqui se encontra. É Portugal. É a nossa terra. *Terra Nostra.*

Avelino descobriu que o jantar era às sete e meia e nessa hora atravessamos salas e salas até chegarmos à porta daquela aonde íamos comer. Ontem, segundo ouvi, tinham estado quarenta aviões pousados no campo e aquelas salas eram pequenas. Hoje não. Agora eram espaçosas. Nós apenas, e meia dúzia de internacionais. O chefe, de libré, indica a mesa. A sala é profusamente iluminada. Vasos de flores povoam-na.

Vem o jantar. Sóbrio, esmerado, bem servido. Nota-se ausência de intuito comercial e um grande desejo de bem servir. Havia doce. Avelino serve-se, lambe os beiços e fica-se a olhar para mim... Era pudim de chocolate. Delicioso! Avelino espera, olhos fixos nos meus. Eu disse que sim e ele tornou lá.

O avião estava marcado para as primeiras horas do dia seguinte. Tínhamos à nossa frente, pois, um rôr delas e mui pouco com que as matar. Isto cuidava eu, mas não foi assim. Primeiramente, vem Presidente da Câmara e Padre Virgínio. É uma quinta. Eles ofereciam. Estavam muito empenhados em que aceitássemos. Já em Ponta Delgada tinha recebido comunicação do Governador de Angra para o mesmo fim. É a guerra... Os destroços materiais que ela fez, depressa se refazem. Os morais, nunca! Depois daqueles dois senhores, começam a vir pequenos grupos de habitantes da ilha que assinam o famoso. O assunto é inexgotável e dilata-se pela noite fora. É o calor. O calor dilata as palavras e provoca mais. Passava da meia noite quando o gerente do hotel se oferece para nos conduzir ao porto. São dez minutos de boa estrada por entre casas ligeiras e numerosas, aonde habitam funcionários daquele mundo alado. Havia notícia de que o avião chegaria mais cedo do que a hora prevista. Fiquei contente. Mais cedo significa mais depressa; e eu estava com pressa. Avelino juntou as nossas duas malas e nós ali, juntinhos, quedamos à espera da hora feliz. Fomos ao último porto de onde a nave tinha saído e, com o pensamento, seguíamos a sua rota, dizendo um para o outro que em breve havíamos de navegar por entre nuvens. Nisto aproxima-se um casal e apresenta-se como assinante de *O Gaiato*. Estava ali à nossa espera e ficou até o locutor dar voz de partida; duas horas sentados a dizer e a dizer e a dizer. Ela é uma mulher nova e formosa, mãe de oito filhas. Fiquei admirado quando ela me fala do seu método de educar; e diz-me que procura sempre e em toda a parte ser mãe-camarada! Eu fiquei admirado porque isto é raro. Isto não

consta. Os seus filhos são tilhas e ela é mãe-camarada de filhas! Pior.

Conta-me de uma que estudava num colégio de Ponta Delgada e que a directora, ano no fim, escreve ao pai informando que a filha não podia fazer exame por muito nervosa; e que ela, mãe, pede licença ao seu marido e vai e instala-se na cidade e informa-se do que há com a sua filha. Insiste com ela para que faça exame. A filha que não e a mãe que sim. Sem teimosia e com mútua compreensão, chegam enfim a um acordo: *por seu amor, minha mãe, eu fico e faço exame.* Mãe-camarada! Mas isto é simplesmente belo!

Já tínhamos ouvido o roncar do avião e sentido que ele tinha pousado; não obstante continuamos a falar até ao momento em que a voz do locutor chamou. Eram três horas precisas na Ilha de S.ª Maria e cinco na Portela de Sacavém. As nossas malas já estavam e nós ambos subíamos os degraus que dão para o ventre da arca. A noite era límpida. O ar socegado. Entramos. Perguntei à hospedeira aonde nos havíamos de sentar e ela disse any where. Sim, qualquer lugar poderia ser na verdade o nosso, porquanto poucos vinham ocupados. Caminhamos e escolhemos duas cadeiras a meia nau. Ao pé, estendida, dormia a sono solto uma mulher loira com uma criança sobre o seu peito. Era a mãe a fazer de berço...! À prôa e à ré dormia-se. Havia revistas e jornais do dia a uso dos passageiros. Eu sentei-me no meu lugar e Avelino fez o mesmo. Sente-se ali dentro segurança. É impossível. Pode ser que outras unidades periguem; mas aquela não. Aquela não é de ir ao fundo. Este é o pensamento dominante de quem toma lugar em avião de alta categoria. Tanto assim é, que eu formei logo os meus planos e tomei decisões. Em Maio, se Deus quiser, eu e um outro dos nossos, que não Avelino nem Zé Eduardo, havemos de ir apertar a mão a cada um dos nossos assinantes ultramarinos. Tãmanha a noção de segurança!

Apagaram-se as luzes. A nave aranca. Dentro, o ruído parece ser menor e mais suave do que nos aviões pequenos. Em três arranques sucessivos, tem-se a impressão nítida de que ele sobe rapidamente e a grandes alturas. As luzes vão apagadas. Tomamos cada um sua almofada e manta. Vai tudo a dormir. A hospedeira, ao fundo, lê à luz de uma pequenina lampada. Eu fechei os olhos. Dormitei. Não levou muito que os não abrisse de novo. Era o sol! Nós íamos a caminho do Oriente. Gosto de caminhar para o Oriente! O sítio não era de o fazer, mas eu ajoelhei. O avião dava nos raios de sol e ardial!

O sol incendiava. Em baixo, a tona azul de outras profundidades. Fiz ali a minha oração da manhã. *Obras do Senhor, louvai o Senhor!*

DIVULGAI
«O GAIATO»
ANGARIANDO
NOVOS ASSINANTES

Nota da Quinzena

Eu estava aqui no leito quando entra no quarto um homem com uma criança pela mão e esta com um embrulho de roupa, umas botas novas e a saca da escola cheia de livros a tiracolo. Perguntei e era; dias antes, alguém contara-me a história duma criança infeliz e esmagada por causa da madrasta. E tanto me disseram, que eu anui. Era aquela. Eu cá tenho medo das madrastas. A excepção confirma a regra. Noutro dia, o *Fominhas*, hoje empregado no Porto, foi castigado um mês fora de casa por ter feito uma das suas. Aparece-me aqui debulhado, a pedir indulto ou permuta. Isto não estava na minha mão e eu fi-lo regressar e que cumprisse. O rapaz não se conforma. Implora. O seu patrão intercede. Era a madrasta! Mas deixemos e continuemos. O nosso rapaz estava ali ao pé do seu condutor. Muito vivo, muito esperto, com sinais de bem cuidado, começou a fazer-lhe perguntas. Que sim; comia caldo todos os dias e também conduto. Sobre a cama, disse-me que também. Da sua família, informa que são lavradores com terras próprias e que trabalhava nos campos, no regresso da escola. O homem que o trouxera, procurava intrrometer-se, mas eu não dava licença. Eu gosto de ouvir e de exgotar a criança. Fingindo-me admirado das infor-

mações colhidas, soltei a derradeira pergunta e quis saber da boca do rapaz porque é que ele ali estava. O pequeno, que terá uns doze anos, responde com firmeza: *mandaram-me.* Eu já tinha percebido a *cunha*. Deixo o inocente e faço agora um sermão ao homem. No dia seguinte, por não poder ir, mandei. É uma casa de lavradores farta de tudo. Os donos são tios. A madrasta mora longe, em sua casa, com um filho seu; e não quiz este. Está certo. Ela é madrasta. Os tios receberam-no por um tempo, mas hoje, ao que parece, querem engeitá-lo. Não está certo. Ela é irmã da mãe Quem melhor do que ela? E o rapaz lá ficou. O seu a seu dono.

Assim como ao homem que o trouxe, também agora faço a todos um sermão: ai de mim se não prégar. Se a tia e primos deste rapaz, proprietários que são, tomam á sua conta e cuidam do sustento e educação do engeitado, têm pela vida fora um capital interior que podem usufruir em qualquer tempo, sobretudo no derradeiro momento dela. Se não, não. Eu quero que os senhores me digam de que vale ao homem a vida, se ele a leva a cuidar de si sem já mais se importar ou reparar nas necessidades dos outros. Naquela hora, muitos queriam recomençar, mas não podem. É tarde. Não souberam trabalhar enquanto dia. Agora é noite!

Uma Carta

«Quanto ao repudiar as heranças que lhe deixam, por amor de Deus nunca deixe fugir essa ideia, pois se já há tanta gente maldo: a que não sente escrúpulo em dizer que o Sr. come à custa dos Gaiatos, o que não diriam se o Sr. recebesse heranças!»

Toda a gente compreende que não é de maneira nenhuma por causa da boca do mundo, que um mortal toma e segura resoluções altas. Seria inútil. *O Velho, o Rapaz e o Burro* ainda andam pelos caminhos e a seu lado os comentadores. Seria inútil. Mas gosto destas palavras; por isso as damos à estampa. E já agora, vamos um bocadinho por diante. Não é por amor dos cegos que não querem ver; estes, é a própria luz que os cega,—e são condutores...! Deixemo-los. É antes para os homens abertos o que vamos aqui dizer. Vamos revelar, para que sintam a sua fraqueza, o seu medo e peçam a Deus que lhes aumente a fé. Ora escutem-me. Nós sabemos quanto se gasta por dia nesta casa de Paço de Sousa. O Avelino também. Ele chega com o correio debaixo do braço, toma uma faca, começa de abrir cartas. A seguir, uma meia folha de papel e começa de somar cheques e vales. A certa altura o Avelino diz: *Já está.* O que sobra é para as outras casas. *E recolheram das sobras dez cestos de pão...* Isto foi naquele tempo, e é hoje. De sorte que aqui no meio dos pinheiros, afastados dos grandes centros, sem procuradores ou colectores, numa dependência de reis e de reinados, nós recebemos diariamente tudo de tudo e das sobras mantemos outras cinco casas a transbordar de rapazes! Não importa que falsos gaiatos andem por aí, como tem acontecido, a pedir e receber donativos. Não importa que falsos padres andem por Lisboa, como actualmente é

o caso, a pedir em meu nome para a Casa do Gaiato. Por co importa que muitos afirmem o que esta carta diz. São inimigos. São homens inimigos. São os naturais e necessários semeadores de joio. Mais pode a misericórdia de Deus! É por ela que nós recebemos tudo. É por ela que nós mantemos seis casas. Heranças? Para quê? E para quem? Se as aceitássemos, aonde havíamos de colocar a promessa divina do pão de cada dia? Ou a palavra de Deus já não tem ouvintes na terra—o pão nosso de cada dia nos dai hoje. Tem. Tem sim senhor. Aqui estou eu. No dia em que viermos a dar preferência às deixas, seca a fonte! Seca a fonte da vida e vem a água choca.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais do Porto 5.000\$. Mais 300\$ do Porto Uma Firma Indiana, de Tete, também quer entrar e manda 500\$!! Mais depositados no Banco Espírito Santo no Porto 2.000\$. Para quem ainda não souber, avise-se que este Banco fica na Avenida dos Aliados... Mais 20\$ de Proença-a-Nova. Mais um fardo de tecidos de uma Empresa do Porto. Mais 20\$ de Viseu. Mais de Valença do Minho 250\$ para os pobres do Barredo.

Mais do Pessoal das Fábricas Aleluia 700\$ e dos Senhores um carregamento de loiças. Pacotes pelo correio, são sem numero e de todos as proveniências d'Aquem e Alem. Pacotes e cartas entregues no Deposito, isso nem se fala. E do que entregaram nas ruas aos nossos vendedores, não se descreve!!! Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Mais de Petropolis 200\$. Mais do Estoril 150\$ e uma camisola do meu filho. Mais 500\$ de Tomar. Mais 20\$ do Porto. Mais 100\$ de S. Paulo. Mais 100\$ do Estoril. Mais 100\$ do Porto. Outro tanto de Lisboa. Igual soma de Nariz. Mais 250\$. de *Um casal feliz*. Mais 200\$ do Porto—e mais nada.

ISTO É A CASA DO GAIATO

O Presidente *acaçou* ontem uma nota de mil e uma de quinhentos a um visitante. Eu disse-lhe que era melhor entregar aquêlê dinheiro, pois que era domingo, andava por cá muita gente e ele podia perdê-lo. Isto era a minha maneira de ver. Mas êle tinha outra. Tinha a sua, e respondeu-me que não. *No fim*, disse. Isto aconteceu de manhã. Carros chegavam e partiam. Presidente atendia. Sempre que por ele passava, eu ia-lhe dizendo que tivesse cautela; *olha lá*. Presidente muito senhor de si levava as mãos á algibeira e batia com força. Chegou a noite. Eram horas de prestar contas e ele veio dar-mas. Presidente senta-se. Ele não é rapaz que fique sem dar as suas razões e comenta, enquanto passa para as minhas mãos o dinheiro; *isto prós brasileiros é como se fosse duas notas de vinte*. Eu deixei-o ficar com esta magnífica impressão. Pode ser que um dia ele venha a atravessar o Atlântico e então me dirá como as coisas se passam. A infância é a idade azul; ninguém perturbe.

■ Apareceu aqui o sr. Bispo de Silva Porto de visita à nossa aldeia e contou-me a história de um rapaz, natural de Vila de Conde: que era muito inteligente, que se escondia nos aquedutos, de onde saía a roubar. E mais, e mais e mais. Nada se resolveu, mas o Missionário de Silva Porto regressa dias depois com três famílias em três carros, num dos quais vinha instalado o temível. Eu vi-o; e falei-lhe. Ele era que nem um fidalgo; botas, sobretudo azul, risca, muito á vontade e muito despachado. Andava nos treze. Nem escola nem catequese como lhe pertencia. Vem o dia seguinte e o rapaz fugiu. Deu-se fé á noite. Os seus visinhos de mesa comunicaram. Passados que foram uns dias, apresenta-se aqui um soldado da Guarda Republicana, uma guia do seu quartel e o rapaz pela mão; e queria o guarda que eu passasse recibo do dito. Era o mesmo. Era o temível. Estava o soldado. Estava o fugitivo. Estava um monte de rapazes. Eu disse que não; que não passava recibo nenhum. Virando-me para o guarda, disse para todos os presentes que o rapaz não me interessava. Que ninguém aqui em casa se interessava por ele. Que ele vive nos buracos e é um grande ladrão. Que mal ele, guarda, virasse, o rapaz tornava a fugir. Este estava ali ao pé a ouvir. O seu olhar é inteligente. Nunca ninguém dissera tão mal dele! E isto em público! E isto ao pé de rapazes da sua idade e laia! Resultado? Até ao dia de hoje o rapaz trabalha na turma dos da lenha e não consta nada na aldeia em seu desprimor. Vamos a ver.

■ Eu estava aqui no meu leito a curtir uma recaída de gripe, quando oiço escadas a cima um grande tropel. Com este, sobem e engrossam vozes pelos corredores e quando tudo entrou no meu quarto, foi-se a ver e era um pavão! O Presidente é que o trazia e sem me pedir licença nem se importar com a minha recaída, colocou a ave sobre a cama a geito de lhe pegar e ver como ele era lindo e pesado e tudo. Que tinha sido uns senhores dum *espada* e que ficaram com pena de eu estar doente mas para outra vez seria. Enquanto Presidente fala, todos os mais falam e discutem entre si qual deles é o maior e o mais bonito; pois que já tinhamos um pavão no antigo aviário, hoje

simples capoeira. Eu também meti a minha colherada e disse-lhes que seria arriscado dois pavões na mesma casa. Eles disseram que não. Que haviam de ser muito amigos e dar-se bem, porque ambos têm um lindo rabo. Eu deixei-os na sua formosa inocência, mas nós outros sabemos que não!

■ O papagaio tem sido, desde que chegou, um dos refeiteiros dos médios. Como esta é a classe mais numerosa, mais penosa é, também, a sua obrigação; mas ele cumpre. Fá-lo com alegria. Esmera-se; conhecem-se as mesas que o papagaio lava, maj-lo chão. Mas ele há outra virtude maior; o rapaz não lambe. Não bota a mão a nada que não seja dele. E pede. Pede à senhora. Nisto dá um grande exemplo. Em regra, todos os nossos refeiteiros, se antes o não eram, fazem-se lambareiros! O Papagaio não. E eu, até, logo que possa, hei-de fazer um grande tribunal a este respeito. O rapaz pede à senhora da cozinha e não a larga enquanto não obtém. Há dias era café. Ele queria café, mas não havia feito ou se havia não chegava. Não importa. Ele prossegue. *Dê-me ainda que seja só um bocadinho, pra me desougar..* E a senhora não teve outro remédio se não desougar-lo.

■ Sem me pedir licença nem perguntar se eu tinha, Avelino foi por aí abaixo até ao Porto comprar-me roupas de agasalho. Ele ouvira dizer aqui na aldeia que o meu mal tinha sido causado por um arrefecimento e não esteve com meias medidas. Aproveitando a ocasião da compra do que lhe pareceu necessário, Avelino vai também à confeitaria Palace e compra meia duzia delas... Soube tudo pela boca dele, quando naquela noite regressa do Porto com as coisas. Está tudo muito bem e é tudo muito bonito. Eu ando agora muito quentinho e regalado das morcelas. Mas ainda não perguntei ao Avelino se o dinheiro que ele empregou é dos rapazes ou se dele ou se meu. Quando perguntar e souber direi aqui tudo para complemento da notícia.

■ *Zé da Lenha* é sobejadamente conhecido para ser apresentado. Em pequenino, serviu na cozinha e coisas adjacentes. Mais tarde escolheu e é hoje um grande tipógrafo. Mas *Zé da Lenha* não esquece e ama a porta por onde entrou. Todos os dias, no fim da ceia e quando todos se retiram, ele dirige-se à cozinha, coloca sobre si um avental branco de estopa e pede ordens ó *Botas*. Eu cá ando a estudar... Ainda não cheguei ao fundo nem atinei com a intenção do *Zé da Lenha*. A quem olhar superficialmente, parece devoção, mas o rapaz gosta muito de lambe... A nossa cozinha é pátria de lambareiros. Continuo a estudar e mal tenha a certeza torno a dar informações.

■ O Júlio chegou ontem do Porto com um frasco de pastilhas para a minha illustre pessoa. São 16 delas. A primeira dose custou 398\$00 e a segunda, que é esta que o Júlio trouxe, custa 312\$00, isto dois dias depois! Eu apitei. Quem paga tem o direito de bufar. Júlio senta-se numa cadeira e explica que não vale a pena. Que a rede está muito bem lançada e não há ninguém que lhe fuja. Que eles fazem os remédios e fazem os preços e andam mortos por fazer também as doenças. Eu quis natural-

mente saber quem são eles e o Júlio respondeu que não sabe. Ninguém sabe. É uma rede. O rapaz toma o frasco, vai aos letreiros e aponta um de letra muito pequenina, por isso ruim de ler. Falava ali de patente. Patente da América. Patente número 2.516.000. E desta pequenina palavra, Júlio tira e explica muita coisa que eu ignorava. E prossegue. O rapaz enche-se de calor. Há nele uma pintinha de incêndio. Toma nas suas mãos o frasco que trouxera e diz que êle saiu das mãos do laboratório para o *trust* e das mãos deste para o armazenista e deste passou à drogaria que por sua vez o entrega à botica e é às mãos desta que o padecente o vai buscar, munido da receita. Júlio continua a explicar. São algarismos quase astronómicos que o rapaz me apresenta, ao dizer das somas que vão ficando por todas aquelas malhas até chegar à farmácia. Até aqui o Júlio. Agora sou eu. Desde que me conheço nesta vida do Pobre, tenho topado e topo imensos deles no caminho, que me pedem para lhes assinar a receita. E eu assino. Se o não faço, o Pobre sai da minha beira e vai fazer a outrem o mesmo pedido. E se não encontra ninguém, o Pobre fica sem o remédio por lhe não poder chegar. Os Pobres são milhões. São a maioria. São os mais atacados de doenças. São os naturais consumidores dos remédios. E não lhes podem chegar pelo seu alto preço! Isto basta para condenar. Isto é uma condenação viva e permanente aos tais êles.

■ O Necas pequeno é o meu criado de quarto. Por me ter demorado na cama muitos dias, tive mais ocasião de o conhecer. Ele entra de manhã, dá os bons dias e começa a trabalhar. Primeiramente o leito. Estende, aliza com mãos carinhosas, ajeita. Bate as almofadas Dobra o lençol. Sobre de carinho e cinje-me os cobertores em redor do pescoço. Por último não me larga sem perguntar e eu responder que estou bem. Seguidamente o Necas pequeno vai buscar um balde de água limpa. Água da que êles bebem. Molha um pano e passa com ele as tábuas do meu quarto. Espana. Limpa os vidros. Compõe. E no fim de tudo, o Manecas pequeno pergunta se eu quero mais alguma coisa e vai para a escola. Este rapaz andava por lá. Não somos parentes. Nunca nos conhecemos. Veio um dia ao mundo em que eu dei com ele nos arredores de S. Victor. Perguntei e ele disse-me que sim. Viemos ambos para a nossa aldeia. Hoje somos tão conhecidos, tão próximos, tão amigos um do outro que até parece sermos irmãos do mesmo ventre! O amor do próximo é semelhante ao amor de Deus.

■ Houve uma morte na freguesia de Paço de Sousa; foi a Maria Júlia Durães. Enquanto podia, vinha todos os domingos comer do nosso caldo. Manhãzinha, ela aqui estava, subia aos meus aposentos e conversava. Às horas, descia ao refeitório das senhoras e à tarde ia-se embora acompanhada por um qualquer. Era pessoa de muita estimação, com o ser pobrezinha. Fizera ela constar, e é verdade, que andou comigo ao colo e ensinou-me a dar os primeiros passos. A notícia entranhou-se piedosamente na alma desta mocidade. A senhora. Maria Júlia era uma recordação viva. Com os anos vem a doença e ela já

não sai da sua casa. Resultado: muda-se a nossa. Agora são os rapazes que fazem sua a casa dela. Tudo quanto ela sonha. Tudo quanto ela precisa. Tudo quanto ela pede. Ela é a Recordação! Nada lhe pode faltar. Chega a hora de Deus. A doente expira e são outra vez os rapazes. Os tramites, o caixão, as confrarias, as opas, a caldeira da água benta, os convites ao povo, o dobre dos sinos a missa do sétimo dia. Nada faltou aos costumes. Eles resolveram e presidiram com desembaraço, personalidade e muita devoção. Tudo quanto ela sonhou, quanto precisou e pediu, teve na vida. E na morte, tudo quanto mereceu!

■ Avelino deixou ficar no meu quarto de doente um pacote de livros que trouxera do correio. Abri e comecei a ler. E' o António Montês nas *Terras de Portugal*. Demorei-me em Baçal. Demorei-me e tornei, não por causa da terra, mas sim por causa do Abade, senhor P.º Francisco Manuel Alves. Diz o autor que visitou a casa numa hora em que o Abade não estava e leu um cartão pendurado na parede, aonde se lia isto, escrito pelo seu punho:

«BESTA, grande cavalgadura, olha que já só tens diante de ti, em Baçal, 4 indivíduos, 7 em Sacoias e 7 em Vale de Lamas, e que nos últimos cinco anos morreram 22 mais velhos do que tu, ou seja uma média de 4 1/4 por ano; ergo, vai calçando os sapatos e mira como os calças.»

E tornei a Baçal. Tornei e tenho estado e tenho meditado. Se não faço o mesmo cartão com estes mesmos dizeres para pôr diante dos meus olhos, é por respeito ao senhor Abade de Baçal; ninguém roube os direitos ao inventor! Aquilo é um actual e permanente exame de consciência, ao qual nada furta a rudeza da palavra. *Besta e cavalgadura* estão ali muito a propósito. A Escritura chama julgamento ao homem que não quer ver nem ouvir. Um cientista dirá que não, mas nós outros pobrezinhas, humildes, rasteiros e ignorantes, dizemos que sim.

■ Abel e Hélio, que é o Manuel Henrique de Sediolos, foram ontem ao Porto, ver o Porto e Benfca. Este pedido já tinha sido feito há um rôr de dias. Como ambos são zelosos nas suas obrigações, foi-lhes dito que sim. Quanto a bilhetes, os dois não puseram o problema. Um e outro julgavam-se suficientemente conhecidos para entrar sem eles. E naquele dia, embalados por um sol brilhante e a certeza de entrar sem bilhete, foram daqui para o Porto. Hélio entrou. Abel não. Este correu todas as portas em cata dum senhor Pinto, mas ele tinha saído momentos antes. Nunca o encontrou. Hélio fez doutro modo. Colocou-se perto duma. Quando tal, finge que chora: eu fêz que chorava. Houve alguém que passa na maré e leva-o para dentro. O Hélio entrou. Os dois, no regresso do Porto e cada um a seu modo, encheram-me os ouvidos do que tinha acontecido. O Hélio venceu. Venceu a multidão, a resistência, a procura de bilhetes, o entusiasmo de milhares, a barafunda, o despique de dois Grandes. Tudo o rapaz venceu Como? Nada. Pára, fica quietinho e chora. Disse-me ele que era a fingir, mas é mais fácil distinguir perolas do que lágrimas, quando estas são de criança; e o senhor que lhe abriu a porta não as soube distinguir!